

A ESPERANÇA.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

Redactores diversos.

ANNO I

DESTERRO, 17 DE NOVEMBRO DE 1867.

N. 8.

A ESPERANÇA.

A eloquencia.

L'éloquence, fille de la nature, se sert seulement de la rhétorique comme d'un utile appui; mais elle trouve d'abord sa source dans le génie

PONELLE.

A eloquencia é a possibilidade que possuímos de persuadir, ou esse poder mysterioso que tantos milagres tem produzido com a palavra, e feito surgir mesmo entre nós innumeros louvores á intelligencia do homem.

O fim de todo o discurso é a persuasão. Aonde porém buscal-a? aonde esse segredo que arrebatá, é insensivelmente quasi vai dominando o coração e a idéa? aonde se procurar a voz do sentimento, ou esse esplendor de que necessitamos, senão no brilho da eloquencia?

Que sintamos o pensamento, flôr entumecida do orvalho sublime da inspiração, e conheçamos os meios de attingir aquella luz, nós chegaremos á cumprir o que se recommenda sobre o dominio da palavra, brilho, e quasi omnipotencia da humana razão.

E, além... lá no horisonte, quando se ri a aurora, que brilhante imagem d'aquella formosura!

Filha da noss'alma, mas engrandecida por Deus, ella contém toda a força para arrebatá.

A rhetorica lhe deve os seus triumphos, porque só a eloquencia tem a luz que persuade.

O fogo do genio é a sua origem, como a applicação dos pensadores tem sido e será sempre a razão do seu desenvolvimento.

Não é á arte, nem ás leis formadas pelo homem, que a eloquencia deve a sua existencia; é ao talento, á imaginação sublime e creadora que aquelle poder foi buscar a vida que possui, e lhe encara ainda hoje para receber toda a sua perfeição.

O sublime é a sua norma, ella não sabe

outra linguagem, nem se expressa de outra maneira, é o pathetico, o simples-bello, o moderado e o puro.

A virtude e a justiça são-lhe a crôa brilhante que veste as suas formas, e se derramam em todos os seus movimentos.

O decoro, só o decoro tem-lhe os encantos; é a sciencia formosa, o pensamento conquistando.

Pode a mentira, pôde o erro muitas vezes se vestir d'aquella formosura, porém o triumpho d'estes será por pouco, porque se desmascarando o embuste os seus discursos tomarão um outro nome, e não o de eloquencia.

Demosthenes, esse genio que tanto se admira, e á quem todos os rhetoricos chamam de orador por excellencia — provou muitas vezes a razão, que nos deve mover, e praticou sempre grande somma de persuasão. O espirito d'aquelle grande homem fora justamente formado para a eloquencia. Sua palavra era seu triumpho

A verdade não se deve nunca fugir o orador, quando se propoz a fallar, pois que filha do céo tem encantos suavissimos que encerram a inspiração.

Fallai, escrevei, provai, mais sede sempre verdadeiros. A reflexão se deve originar da causa, como a verdade da obrigação.

A eloquencia é a luz, o brilho da razão, e a alma do poeta.

Flôr sublime do espirito, ella se entreabre cândida, e derrama perfumes no nosso coração.

Os sentimentos e affectos que possuímos lhe são as armas mais predilectas, e exerce á sua força em abalar e commover á quem a experimenta.

Seu fim é persuadir, como já dissémos fallando do discurso. Não tem outra missão. Os seus esforços, a maior somma de comprehensão e convicção da verdade.

Eis o dom quasi omnipotente que existe no homem; eis a luz que se derrama no espaço da intelligencia, e tem a sua imagem na manhã, e nas flores; eis o que temos em nós para abalar, arrebatat e mover; eis o que se diz eloquencia, a creadora voz do talento e da persuasão.

— Silvio.

DISCURSO RECITADO NA 2.ª SESSÃO DA SOCIEDADE AMÓR AS LETRAS.

Senhores. — E' com bastante acanhamento que vou, pela primeira, occupar, com minhas toscas palavras, vossa attenção esclarecida.

O encargo, que sobre mim peza, n'este momento solemne, é, na verdade, demasiado grande para as minhas debeis forças; mas contudo não esmoreço: com resignação e coragem, que me dão vida e alento, talvez que eu possa conseguir vencer alguns dos innumerados obstaculos antepostos, aos meus desejos, pela minha nenhuma intelligencia. Veremos.

Commetto, de certo, um abuso, tomando-vos, com ninharias, o tempo precioso, que deveria ser absorvido com assumptos importantes; espero e conto, porem, (vossa reconhecida generosidade é garante seguro d'esta minha convicção) que usareis de indulgencia para comigo, vosso humilde consocio.

Postos como ficão estes preliminares, vou entrar em materia.

Tendo composto uma poesia, á que dei o titulo de — soffrimentos —, venho respeitosa-mente apresental-a á vossa consideração, sujeitando-a, como sujeito, á vossa critica.

E' um trabalho imperfeito, e até mesmo insignificante, conheço e cumpre-me confessal-o; mas não podia deixar de ser assim: sou mesquinho, verdadeiro insecto na Republica litteraria. Portanto, como apresentar-vos um trabalho completo, digno de vós? Era-me absolutamente impossivel.

A poesia, que óra tenho a honra de trazer á vossa presença, não é mais do que um simples ensaio, cujo fim principal é — mostrar-vos que se me falta o talento, esse dom sublime com que a natureza tanto se esmerou em ornar Camões, Tassò, Bocage, Silva Alvarenga, Gonçalves Dias, Laurindo Rabello, Alvares d'Azevedo, Magalhães, Porto-Alegre, Pinheiro Guimarães, Castilhos, Lamartine, Victor Hugo, essa Estrella que fulgurante brilha nos céos da intelligencia,

espargindo sua vivificante luz no mundo civilisado; e milhares de outros sabios que tanto honrarão e honrão as lettras; — se careço, digo, de talento, sobra-me o nobre desejo de instruir-me, por isso que bastante ambicioso o poder algum dia, com o auxilio da Providencia Divina, que imploro, ser util á nossa adorada Patria, concorrendo de alguma fórma, com meu contingente, se bem que fraco, para o seu engrandecimento, isto é, ajudando, como humilde, mas fiel soldado do Exercito litterario, a elevar o nosso caro Brazil á altura para que o talhou a Mão do Omnipotente.

E, para chegar á um tão nobre quão louvavel fim, não pouparei esforços, nem fadigas: trabalharei com perseverança; e, confiando em Deus, espero ver algum dia coroados, com resultados felizes, os meus bons desejos.

Amo a instrucção, pois que d'ella e só d'ella nos póde vir a verdadeira riqueza — gloria e felicidade. E fi, Senhores, nutrin-do taes sentimentos, que não hesitei, um só momento se quer, em abraçar, cheio de jubilo, o convite que dirigio-me o joven e intelligente Sr. Francisco Paulino da Costa Albuquerque, para fazer parte desta benemerita associação composta de tão elevados caracteres; e, prevalecendo-me da occasião que se me proporciona, peço venia ao mesmo Sr. Francisco Paulino, meu distincto amigo, para, no recinto d'esta Assembléa, testemunhar-lhe a minha gratidão dirigindo-lhe os protestes dos meus sinceros e eternos agradecimentos, pela honra, immerecida, com que distinguio-me, lembrando-se de minha obscura pessoa para pertencer á uma corporação litteraria, em cujo gremio encontrão-se os illustrados Eduardo Nunes, nosso digno Presidente; Silvio Pellico, a quem eu tomo a liberdade de offerecer o fructo de minhas locubrações, que faz o objecto d'este meu rude discurso, como uma pequena proya da particular estima que lhe consagro; Elisiario Quintanilha, o mavioso e sublime cantor dos — LYRIOS E ROZAS —; Gustavo Henrique e outros tantos mancebos distinctos por seus talentos e virtudes.

Agora seja-me licito e permittido algumas palavras dizer á respeito d'esta associação á qual, com justa razão, me ufano de pertencer.

Sua organização veio sanhar uma falta que já se fazia sensivel n'esta capital. Aqui juntos, Senhores, poderemos, embora tenhamos de lutar com algumas difficuldades, cumprir uma missão nobre por excellencia — estu-

darmos e desenvolver a intelligencia, illuminando o nosso espirito com a luz da instrucção;—para, assim procedendo, mostrarmos ao mundo que, a Provincia de Santa Catharina, tambem marcha na senda do progresso e conta, entre os seus habitantes, mancebos que amão summamente o estudo e a cultura das lettrás.

— Reine sempre entre nós — UNIÃO FRATERNA — e nossa missão será cumprida.

Jámais, pois, deixarei de erguer fervorosas preces ao Todo-Poderoso pela duração, prosperidade e engrandecimento d'esta illustre corporação, para que possa ella preencher o fim de sua util instituição.

Tenho por demais abusado de vossa nimia bondade, fatigando-vos a paciência; e por isso concluindo cabe-me o dever de agradecer-vos, Senhores, a benevolencia e attenção com que vos dignastes escutar-me.

Cidade do Desterro, 22 de Setembro de 1867.

Oliveira e Cruz.

Soffrimentos.

O. D. G.

A' MEU AMIGO SILVIO PELLICO DE FREITAS NORONHA.

Que vida tão triste, que vivo, meu Deus,
Aqui n'este mundo só cheio d'enganos!
Será meu destino sómente o soffrer?
Soffrer!... e tão cedo! no albor dos meus annos!

(F. PAULINO.)

Foi alegre, assáz ditozo o meu passado,
Tudo ornado de magia e de prazer;
O presente, porém, é desgraçado...
Martyrios só me dá para—soffrer!...

Ah! o quanto é cruel a minha sina!
A' soffrer agonias condemnado...
Em continuo penar passando a vida...
— Sou um triste! um infeliz! um desgra-
(çado) !...

Outr'ora o divinal prazer surria-me,
Espargindo na minh'alma a alegria...
Hoje... tudo mudou! Na fronte trago,
Estampada, a cruel melancolia!...

Na infancia gozei ternas venturas...
Na infancia feliz eu me julgava,
Pois minh'alma tão terna, meiga e pura,
De mundanas paixões não era escrava!...

Mas agora infeliz... sou desgraçado...
Não tenho mais prazeres!... illuzão!...
A desdita aguardava o meu fucturo,
P'ra ferir-me de rojo o coração!...

Murcharão-se-m'as flôres do passado...
Espinhos só me cercão no prezente...
Esperanças... não tenho!... já perdi-as!...
Fez-me a sorte inhumana ser descrente!...

Os revezes, desgostos e trabalhos,
M'opprimem sêm cessar durante o dia,
E de noite... a tristeza me consome,
Affastando de mim toda a alegria!...

Se vibro a minha tyra pobrezinha,
Sólta o meu coração um ai! de morte...
O infortunio lacera a alma minha,
E não acho ninguém que me confôrte!...

E se choro ou lamento a triste sorte,
Ninguém m' escuta os gritos d'afflicção...
Ninguém vem mitigar as minhas dôres...
Ninguém acalma, oh! Deus! tanta paixão!...

Passo as horas, os dias e as noites
Cercado da mais densa solidão...
Embalde peço allivio... allivio inoplo...
E' tudo... sim! é tudo... é tudo em vão!...

Só no pranto gelado da tristeza
Acho as vezes remedio para as dôres...
Com prantos docemente suavizo,
Da minha cruel vida, os amargôres!...

De que serve, oh! meu Deus, eu ser poeta,
Guardar dentro em meu peito este vulcão,
Se não tenho alegrias, nem venturas,
E só magoas me cercão o coração?!...

Ah! o quanto é cruel a minha sina!
A' soffrer agonias condemnado...
Em continuo penar passando a vida...
— Sou um bardo infeliz e malfadado!...

Que saudades, meu Deus! oh! que saudades,
Hoje tenho do tempo já passado,
Em que alegre gozei a meninice,
Sem prever um fucturo desgraçado!...

Até quando, oh! sorte deshumana,
Me darás p'ra libar tantos tormentos?!...
Até quando serei ludibrio e alvo
De amargos e tirannos—soffrimentos?!...

Não posso, por mais tempo, supportar
Tanta dôr... tanta dôr... tanta afflicção!...
Mil vezes quero a morte, sim! a morte,
(Que uma vida cruel, pura irrizão!...

De que me serve esta vida,
De esperanças despida,
Que me dá tanto soffrer?...
De nada!... E já que o fado,
Me fez assim desgraçado,
Antes prefiro morrer!...

Tive prazeres outr'ora
E tormentos tenho agora,
Da mais cruenta afflicção !...
Feneceu toda a esperança,
Que nutri quando criança,
No meu terno coração !...

Os prazeres da transida,
Infancia minha querida,
Já se vão tempos d'além....
Já perdi a flicidade,
E só a triste saudade
Me resta de tanto bem !...

Ah ! hoje sou desgraçado....
Pela sorte maltratado,
Afflicto vivo chorando....
E do passado illuzorio,
Tão bello, mas transitorio,
Saudozo me vou lembrando !

Foi-me a vida outr'ora bella,
Primorosa qual donzella....
Tão gentil como os amôres !...
Era a roza prazenteira,
No jardim, pura e fagueira,
Dominando as outras flôres !...

Mas ai ! que tudo mudou-se !
Minha vida transformou-se
Numa vida d'amarguras !...
Em lugar das alegrias,
Hoje só tenho agonias....
Só tormentos... desventuras !...

E, pois, não quero na terra,
Que mil tormentos encerra,
Nem um dia mais ficar....
Dezejo ir para os céus,
Patria dos sonhos meus,
Para com Deus habitar.

Sim, oh ! sim, porque no mundo,
Tudo é um soffrer profundo,
O mais é pura illusão !...
Os prazeres são delirios....
As delicias sao martyrios....
— Que desgraça ! qu'irrizão !...

OLIVEIRA E CRUZ.

Elementos de Versificação Portugueza

POR
EDUARDO NUNES PIRES.

(Continuação do n. 6)

CAPITULO IV.

SECÇÃO I.

Das estrophes regulares, e da disposição das suas rimas.

§ 1.º Das Parelhas

Teem este nome os versos que rimam dois a dois. Ex.

Fêz annos o Leão, quiz ir a caça,
E a d'elle não costuma ser escaça:
Não consiste em pardaes, em bagatellas;
Mas em bons javalis, em corças bellas.
O Rei dos bosques pródigo, e discreto,
Para sortir effeito o seu projecto,
Chama o Burro, animal de voz não fina,
E o Burro vai servir-lhe de bozina.

(BOCAGE, FAB. XII)

O Sr. A. F. de Castilho taxa as de *sem-sabores*, e o Dr. Magalhães diz que « a rimaparelha é de todas a mais retumbante e insupportavel. »

§ 2.º Terceiros.

Terceiro é uma estrophe de tres versos, cujo 1.º rima com o 3.º, e o 2.º rima com o 1.º e o 3.º do terceto seguinte; o 2.º d'este com o 1.º e o 3.º do immediato, e assim por diante. Ao ultimo terceto sempre se-ajunta um verso que rima com o 2.º do mesmo terceto.

Exemplo.

E tu, Mãe do teu Povo, excelsa, e pia,
Que inda desfeita em lagrimas contemplo
Na revôlta, enlutada fantasia,

Sóbe constante da Memoria ao Templo :
Lá vale mais que um Sceptro uma alma forte,
Sê da Conformidade o santo exemplo.

A' triste, cara Irmã, que invoca a Morte,
Vai docemente o pranto reprimindo;
Pinta-lhe a gloria do feliz consorte
Que entre os anjos está, cantando, e rindo.

(BOCAGE, ELEG.)

§ 3.º Quartetos.

Quarteto é uma estrophe de quatro versos, em que o 1.º rima com o 4.º, e o 2.º com o 3.º; ou o 1.º com o 3.º, e o 2.º com o 4.º.

Exemplo.

Maltratar a Tithon Amor jurava;
Pois junto á bella aurora adormecido,
Ser mais feliz que o proprio-Rei de Gnido,
Em sonhos engolfado imaginava.

(A. P. DE SOUZA CALDAS.)

Sabios Gregos das Seitas inventores,
Que os loiros de Minerva conseguirão.
Já perdidos do Mundo os esplendores
A cizua fria os fadós reduzirão.

(? ?)

(Continúa.)